

SAL



# SAL

LETICIA WIERZCHOWSKI



© 2013 by Leticia Wierzchowski Gomes

PREPARAÇÃO  
Taís Monteiro

REVISÃO  
Flora Pinheiro  
Clarissa Peixoto

PROJETO GRÁFICO  
Roberto & Fearn de Vicq de Cumptich

DIAGRAMAÇÃO  
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W646s

Wierzchowski, Leticia, 1972-  
Sal / Leticia Wierzchowski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.  
240 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8057-381-7

1. Romance brasileiro. I. Título.

13-01720

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

[2013]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*“A imaginação é uma força da Natureza.  
Não será isto suficiente para encher uma pessoa de êxtase?”*  
SAUL BELLOW – *Henderson, o rei da chuva*

*“Desfaço durante a noite o meu caminho  
Tudo quanto teci não é verdade,  
Mas tempo, para ocupar o tempo morto,  
e cada dia me afasto e cada noite me aproximo.”*  
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN – “Penélope”

*“Espero sempre por ti o dia inteiro,  
Quando na praia sobe, de cinza e oiro, o nevoeiro  
E há em todas as coisas o agoiro  
De uma fantástica vinda.”*  
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN – “Espero”



*Para Carin,  
porque o amor tem muitos nomes.*








PARTE UM



 O farol andava louco desde que Ivan morrera. Outrora emitia a sua luz a cada dois segundos, essa era a sua identidade. Um lampejo certo e brevíssimo a cada dois segundos e então os marinheiros sabiam exatamente em que ponto da costa se encontravam, os barcos manobravam para longe das traiçoeiras rochas do litoral próximo a Oedivetnom e seguiam viagem até o seu destino final.

Mas isso fora antes. Cecília achava que o farol sentia falta de Ivan; sentia-o como uma pessoa, sentia-o com a mesma agudeza que ela quando a noite caía e vagava pela casa, trilhando os velhos e amplos cômodos vazios, sem que nem mesmo um único eco do passado pudesse vencer a barreira do tempo, atravessando o espaço para lhe fazer alguma companhia.

O farol pusera-se triste, meio demente de saudades. Afundava barcos por capricho, enlouquecendo nas noites de tormenta, assim como Cecília quase enlouquecia na sua cama, ouvindo os gemidos do vento e a reclamação contínua das ondas lá na praia como se fossem os seus filhos chorando quando eram crianças (e isso fazia muito tempo).

A dor do farol era também a dor de Cecília. Ela sentia falta de Ivan como se lhe faltasse um braço ou a palavra certa para completar uma frase, deixava cair as coisas de repente ou calava-se no meio de um raciocínio.

Então era possível dizer que Cecília entendia o farol. Que ela aceitava que o farol, a despeito de ser coisa, tivesse as suas particularidades e até um gênio, e com ele uma saudade – a saudade de Ivan. Porque aquele velho e robusto farol tinha sido como um filho para Ivan. O farol era uma espécie de âncora para a família Godoy: eles tinham atravessado o mundo num navio – tinham atravessado o mundo várias vezes em vários

navios –, mas fixaram-se ali naquela praia pequena e rochosa, numa curva do continente, e ali procriaram e labutaram durante décadas, tendo construído a casa que ganhara o mesmo nome da ilha, La Duiva, muito antes que Ivan viesse a dar nesta vida. Quando ele nasceu, quando abriu os olhos para o mundo, os olhos virgens e a alma ainda sem entendimento nem capacidade de juízo, a primeira coisa que viu – isso dizia Ivan – foi o majestoso farol.

Ivan amara mais o farol do que amara Tiberius, amara-o mais do que amara Julieta, e Ivan nunca se decepcionara com o farol como se havia decepcionado com Orfeu ou com Lucas.

Apesar de compreender o sofrimento do farol, Cecília achava que era necessário dar-lhe um basta. Havia coisas demais em jogo, e um farol, mesmo ferido de morte, ou cumpre o seu destino de farol ou se apaga. De fato, tal loucura tinha que acabar. Cecília não queria mais despertar com restos de um naufrágio coalhando a brancura da areia, com os gritos dos marinheiros, no escuro da noite, salvando sua preciosa carga com aquela coragem cega que ela conhecia tão bem, típica dos homens do mar. Não... Os anos de naufrágios e salvamentos, de madrugadas insones, de vozes confabulando planos à beira do fogão a lenha, de homens molhados, exaustos e famintos vagando pela sua cozinha, bem, tudo isso tinha se acabado. Tudo isso tinha se acabado junto com o próprio Ivan, e o pouco que Cecília lograra sustentar, enquanto Tiberius ainda estava ao seu lado, até esse pouco hoje era demais, era absolutamente demais para ela.

Então, um dia Cecília despertou decidida. O sol brilhava lá fora no jardim, evocando todos os tons de verde e de azul e de vermelho. Jasmims do céu e rosas e as flores na laranjeira, tudo estava vivo e parecia luzir. Impulsionada por toda aquela luz, Cecília sentou-se à mesa e, com bloco e caneta, escreveu à Capitania dos Portos, devolvendo-lhes a administração do problemático farol que estivera aos cuidados da família por gerações. Teve que escrever a carta duas vezes, porque as lágrimas molharam o papel até que ele se tornasse ininteligível, mas ela resistiu à dor daquela amputação, pois já comprovara que um farol enlouquecido era carga demais. Ela não trazia no sangue aquela sina – filha que era de um quase

*desconhecido que se deitara com a mãe. Ademais, estava sozinha ali: tinha posto no mundo três filhos homens, e todos os três tinham partido por um motivo ou outro.*

*O farol precisava de alguém à sua altura, um homem forte e jovem que pudesse domar-lhe o selvagem coração de luz, o ventre de concreto, as vísceras brancas e vermelhas. Cecília seguiria vivendo na casa no alto do penhasco, a casa que fora erguida pelo bisavô de Ivan, e, lá do alto, esperaria a sua última madrugada, avançando pelos anos de solidão que se estendiam à sua frente ancorada nas suas agulhas, tricotando em vermelhos e azuis, em amarelo-ouro e verde-floresta toda a história de uma gente que tinha nascido das suas próprias entranhas. Era esse o seu plano, e nem o farol haveria de demovê-la disso. Se o farol teimasse, se apagasse a sua luz no meio de uma tormenta, se cambiasse os seus clarões, jogando às rochas os barcos inocentes, então haveria de novo um homem para cuidar das coisas, para juntar os pedaços, amarrar e encaminhar a carga salva, acionar a autoridade marítima competente e informar se havia mortos, quantos feridos, quem precisava de socorro, acionar o seguro e chamar os funcionários em Oedivetnom para listar os estragos e assinar os formulários pendentes.*

*Quanto a Cecília, cuidaria das suas lãs e das suas recordações. Também não descartava que, um dia, Tiberius voltasse. Ainda havia alguma coisa pulsando entre eles. De qualquer modo, enquanto ela não desse o último ponto, haveria tempo de estar com o filho. Trezentos e sessenta e cinco degraus para cobrir com o seu tapete de tricô, da porta até o topo, lá no alto, e quando chegasse lá em cima com as suas agulhas, seu tempo estaria findo. Era um plano quase literário, pensava, digno de Flora.*

*É claro que o novo administrador teria que conceder na sua entrada, ajudando-a a estender o longuíssimo tapete das suas memórias até o luminoso coração do farol. Mas Cecília tencionava ficar amiga do novo administrador – não tinha se esquecido de pedir ao capitão do porto que lhe mandasse um bom homem, um bom vizinho. Um faroleiro de bom coração, era só isso que Cecília pedia. Um faroleiro que aceitasse o seu tapete tecido ao longo dos meses, dos anos. E então, quando o último dos*

*degraus ganhasse a última carreira... bastaria apenas um instante. Um descuido do faroleiro e ela se jogaria no mar. Lá do alto, como um pássaro. Um último sopro do vento salgado no seu rosto... Seria uma boa morte, Cecília achava que sim.*

*Viver mais para quê? Agora já não passava de um peão do tempo. A memória girando, girando como uma agulha tecendo a sua lã. A memória estava em todos os cantos daquela vasta casa, brotava das gavetas, pulava de dentro dos armários, dormia envolta nas colchas, debruçava-se das janelas como uma criança travessa. Porque quando Cecília tricotava, tec, tec, tec, as agulhas dançando a sua dança – quando Cecília tricotava, ela só fazia lembrar e lembrar e lembrar. Tudo voltava outra vez, erguendo-se do nada ao seu redor, adquirindo cor e som e cheiro.*

*Tec, tec, tec... Ivan ao seu lado na cama. O calor do peito de Ivan. Ela andando na praia com Lucas no colo. Azul para tricotá-los juntos à beira-mar. Julieta na sua cadeira olhando a tormenta. Tec, tec, tec. Mais um degrau... E Orfeu vagando pelo ancoradouro com o seu bloco de desenho. Os amores de Orfeu, vermelhos. E Eva e Flora, que choravam juntas, e dormiam juntas de mãos dadas, e depois se separaram para sempre como uma única linha partida ao meio. Tec, tec, tec, tec. Tiberius no seu colo, os loiros cabelos cacheados. Amarelo para o seu adorado Tiberius. E verde para Ivan. E para ela? Que cor para mim?, perguntou-se Cecília. O branco. A sobreposição de todas as cores. Tec, tec, tec, tec.*

*O sol entrou pela janela da cozinha, deixando um rastro de luz no chão. Cecília levantou a cabeça, sequer olhou o relógio na parede. Sabia que já era tarde, a manhã ia pelo meio. Selou a carta com cuidado. Quando o barqueiro chegasse com os mantimentos da semana, entregar-lhe-ia o envelope. Ainda naquela mesma tarde, a carta estaria sobre a mesa do capitão. Ele logo mandaria um bom homem, um homem de pulso, alguém para acalantar e controlar a alma daquele pobre farol ensandecido.*

*Passava das dez e um verdilhão cantava lá fora, tentando atrair a sua fêmea. Cecília olhou a paisagem da janela. As rosas que vibravam sob o sol matinal. O verdilhão estava certo, era um bom lugar para romance. Uma*

*manhã de primavera cheia de sol, e toda aquela luz incendiando o jardim, esmeraldando o mar, avermelhando ainda mais as rosas vermelhas. Ela já estava atrasada, o barqueiro devia estar ancorando.*

*Cecília abriu a porta da cozinha e saiu para o quintal. Ao deixar a casa, o sol a cegou por um momento. Tinha um rosto bonito e já meio apagado pelos anos. Ela cobriu os olhos com a mão em concha e seguiu por entre os canteiros estufados de flores no caminho que serpenteava até a praia. Descia rapidamente, seu corpo seco e esguio acostumado a cada pedra. A cada degrau cavado na encosta, os pés pisavam o chão com segurança.*

*O barqueiro descarregava o último pacote quando Cecília chegou ao ancoradouro. Trocaram um breve sorriso. Havia quantos anos que se conheciam? Ela ainda era uma menina, e ele tinha os cabelos negros e bastos. O tempo tinha passado por eles, de fato.*

*O barqueiro, que se chamava Tobias, indicou os pacotes empilhados na areia a uma distância segura do mar.*

*“Já vou subir isso pra senhora”, disse ele, tirando o chapéu.*

*“Deixe”, respondeu Cecília com um sorriso. “Eu mesma faço isso, Tobias. Tenho tempo de sobra pra subir esses pacotes, todo o tempo do mundo.”*

*O barqueiro olhou-a com preocupação. Era um povoado pequeno e, excetuando-se os turistas que vinham em levadas no verão, todos se conheciam. Tinham orgulho daquela intimidade que comparavam com a vida agitada de Oedivetnom.*

*“Não quer ir até a cidade dar um passeio?”, perguntou Tobias gentilmente. “Voltamos antes de a maré subir. Comer um bolo gostoso na confeitaria, o que acha?”*

*Cecília estendeu-lhe o braço. Tinha uma carta na mão firme e um sorriso complacente no rosto.*

*“Eu não vou à cidade, Tobias. Mas queria que você levasse esta carta para mim. Para a Capitania dos Portos.”*

*O barqueiro pegou o envelope e guardou-o com cuidado no bolso da camisa listrada.*

*“O velho farol louco de novo?”*

*Ela aquiesceu.*

“Precisa de um homem por perto antes que cheguem as tormentas de inverno.”

O barqueiro correu os olhos pela praia como se buscasse a prova das estrepolias do farol. Mas estava tudo limpo e calmo por ali. Seus olhos subiram pelo morro, contornando as pedras cinzentas e pontiagudas, os tufo de capim, as sarças e os promontórios de areia, até pousarem lá em cima, na casa branca e azul debruçada sobre a praia, em cujo jardim as flores borbulhavam em esfuziante euforia.

Tobias tornou a fitá-la.

“A senhora vai partir?”

“Eu?” Cecília riu. “Não tenho para onde ir, Tobias. Eu fico aqui. Ainda tenho trabalho a fazer. Muito verde e muito azul, sêpia e amarelo... Você vai ter que trazer comida para mim ainda por um bom tempo.”

“A senhora está mesmo precisando”, ele disse com um ar sério, fitando-lhe a cintura fina.

Cecília tirou do bolso o dinheiro já contado anteriormente e entregou-o ao barqueiro. Eles trocaram um olhar de adeus.

“A carta eu entrego ainda hoje”, garantiu Tobias.

Cecília ficou na praia vendo o barco partir, cortando as ondas mansas. Nenhum vento soprava, o que era raro nas primaveras daquela costa. Apesar disso, o ar estava salgado e fresco. Ela acenou uma vez para o barco que se afastava, embora Tobias estivesse ocupado com alguma coisa e não notasse a mão branca bem erguida acima da cabeça da mulher parada na areia. Ela acenou porque sentia falta de acenos. Apenas as suas próprias mãos haviam sobrado por ali.

“Adeus”, ela falou, experimentando aquela palavra já meio esquecida.

Adeus, adeus, adeus.

E então lá estava Cecília de novo, tudo de volta como antes, o tempo mordendo o próprio rabo como um cachorro maluco, e a sua boca de trinta anos atrás, cheia e rubra outra vez, chamando por Ivan. Não um adeus, mas um sim. Aqueles tinham sido tempos de sins. E os acenos eram sempre acenos de chegada.



## F L O R A



**E** escrever é uma espécie de poder sobrenatural. Como ver os mortos ou fazer levitar os móveis da sala. Tenho pensado muito nisso. Tenho pensado nisso depois que as coisas começaram a acontecer fora do meu livro do mesmo modo que ocorriam *lá dentro*.

Como? Como exatamente a invenção que eu desfieei por dias e noites de verdadeiro furor, trancada no meu quarto, exausta e feliz de descobrir, após tantos livros lidos, que eu também podia fazer *aquilo*, como é que a invenção extrapolou as páginas e ganhou a realidade?

Não sei, mamãe. Juro que não sei... Eu queria muito contar uma história, queria muito brincar com a vida, e brinquei com ela como uma criança com a sua bonequinha preferida, balançando-me nos ferros da pracinha da ficção como uma dessas meninhas de meias frouxas que dão saltos temerários, subindo e descendo no seu balanço com as pernas lá no alto, como se quisessem sair voando sobre a cidade. Bem, a minha história saiu mesmo voando, não é? Foi ruim para você. Para mim foi pior, nem preciso lhe dizer, mamãe... Porque é claro que nem tudo estava no papel, nem tudo.

Houve um tempo em que, com o coração aos saltos, eu pude perceber as semelhanças, a princípio bastante sutis, entre fatos que estavam acontecendo *aqui fora* e as cenas ficcionais que eu tinha escrito *lá dentro*. Eu sentia as mãos úmidas, mamãe, mas também sentia uma coisa boa borbulhando dentro de mim, como se eu fosse um vulcão prestes a entrar em erupção, mais ou menos

isso... Você não tem ideia do que é experimentar este poder, o poder da criação, as coisas erguendo-se de um mundo totalmente imaginário, erguendo-se com tamanha força e ímpeto que, um dia, extrapolam a imaginação, vazando por todos os lados feito uma inundação impossível de ser contida, cujo resultado é simplesmente uma enchente de ficção na sua vida real.

Eu devo ter me sentido um pouco bêbada de tudo isso, e foi assim meio embriagada que eu vivi por alguns meses, você sabe. Coisas aconteciam, iguazinhas àquelas que eu tinha escrito, mas eu me punha a pensar – enquanto amava, enquanto bebia dos olhos de Julius, daqueles seus olhos de um azul-pálido como o das hortênsias que florescem aos montes por aqui em janeiro –, eu me punha a pensar: e se as coisas simplesmente continuarem acontecendo? Acontecendo tal e qual eu escrevi? Ou pior: e se elas mudarem de repente, ganhando vida própria, um passo a mais na autonomia além deste que elas já deram, esse passo para fora do papel? Até onde as coisas terão de fato coragem de ir?

Agora sabemos, mamãe. O que eu não pude contar e o que eu contei lá, tudo aquilo que estava impresso e que alcançou Oedivetnom e seguiu além (o original que chegou a Cambridge, às mãos de algum excêntrico professor de literatura, se é que as promessas de Julius ao menos nesse quesito tenham sido reais), tudo se misturou finalmente. Formou-se uma terceira coisa, amálgama de ficção e de realidade, de paixão e de tragédia, de palavra e de lâ, não é mesmo, mamãe?

Mas foi bom enquanto durou. Cada um representando o seu papel direitinho. Enquanto houve um roteiro.

É estranho dizer isso, mas, embora a minha história verdadeira já tenha o seu ponto final, eu acabei de criar você no papel. Quero dizer, neste momento, no livro, você acaba de nascer. Já adulta – a ficção tem as suas vantagens... Eu posso fazer o que quiser com o meu personagem. Ou com o narrador. Eu vou e venho ao meu gosto, porque aqui nestas páginas a lógica é minha. Vim lá do final de

todas as coisas – e que final! – apenas para lhe dizer isto: eu recriei você. Inverti a jogada. É delicioso e assustador ao mesmo tempo, porque não deixa de ser uma transposição absurdamente maluca do processo natural da vida. Mas aqui dentro não há um processo natural. Ou há – sou eu quem decide isso... Teci a sua história como se fosse um tricô. E, quando tudo acabou, um capítulo antes do ponto final, você correu às agulhas. Nosso trabalho em equipe, mamãe...

Uma cor para cada um, exatamente como você fez a vida inteira com os seus romances. Mas eu usei o fio das palavras. Tudo lá fora andava tão igual a sempre, a vida se movendo no seu compasso peculiar. Nesta parte meridional do mundo o ritmo era muito suave, macio. Um gato caminhando num jardim ensolarado. Não havia pressa para nada. Eu agilizei um pouco as coisas na minha história... Aqui fora, você circulava pela casa do mesmo modo que sempre fez todos os dias, pousava sua mão esguia no espaldar da poltrona perto da lareira, arrumava as flores naquele vaso que papai comprou em Oedivetnom num dos seus aniversários, o mar sussurrando lá na praia, papai perdido nas entranhas de um barco, Lucas na oficina, Orfeu vagando por ali com o seu caderno de desenho sob o braço, Eva (onde estaria Eva?) rolando nas dunas com algum marinheiro bonitinho, Julieta em seu quarto, Tiberius desvendando Ptolomeu em algum desvão da casa... Mas, nas minhas páginas, cada um de vocês era matéria maleável sob os meus dedos, pude fundi-los e separá-los, pude reinventá-los, reunindo-os em pedaços menores, em pequenos detalhes decantados que distribuí segundo a minha vontade absoluta.

Inventá-la foi incrível, mamãe. Não fiz de você a mãe ideal, isso seria tão ridículamente óbvio e fugiria ao meu projeto. Fiz de você uma outra, apenas uma mulher. Os mesmos olhos, o corpo anguloso, essa mania de tricotar por horas. Mas outra... A sombra de uma mulher voluptuosa. Um vulcão extinto cheio da memória de antigas erupções.

*Anotações para um personagem:*

*Aos quinze, um jovem solitário  
aos vinte, apaixonado  
tez morena  
olhos verdes  
era quieto  
um pouco sisudo, mas nunca com ela.*


*Tiveram seis filhos.*

*Quando nasceram os filhos,  
ele começou a ficar igualzinho ao pai,  
como se voltasse no tempo.  
Tão quieto, justo, honesto e um pouco seco –  
eram dois homens que amavam um farol.*

*Aos quarenta, ele ainda era bonito  
mas quase intocável.  
Às vezes eles se encontravam  
no escuro do quarto.*

*Cor verde. As marés. O vento no rosto. Varonil.  
A morte herdada.  
Seu nome era Ivan.*

## V E R D E

 O farol estava lá desde que eu nasci. Encarapitado na ponta pedregosa da praia onde o mar fazia uma curva suave. As pedras se espalhavam ao seu redor como oferendas que alguém tivesse depositado ali num ontem qualquer. Oferendas cobertas de algas, abrigando colônias de mexilhões e minúsculas conchas rosadas que eu juntava, secava ao sol e guardava numa caixa apenas por guardar. Coisa de criança.

O meu pai trabalhava no farol com mais um ajudante. O Ernest. Ele era quase parte da família, pelo menos eu pensava assim. Era alto, muito magro, observador e perspicaz ao modo dos pescadores. Meu pai ria muito dele e ralhava muito com ele também. Tinham uma relação masculina, de trabalho, mas dava para dizer que, do jeito deles, os dois eram amigos. “Ernest, você é um bicho preguiçoso”, meu pai gritava-lhe às vezes com uma voz alegre, que não me punha medo. Aquela era a voz que o velho usava para tudo. Atrás dele e daquele vozeirão estava sempre eu. O filho único do faroleiro e da sua mulher.

Antes de ajudar o meu pai, Ernest trabalhara num barco-farol e perdera um dedo mexendo com algum material explosivo que eles costumavam usar por lá. Ele era um preto enxuto, com uma pele tão escura que podia desaparecer na noite se estivesse com as pálpebras fechadas, porque o branco dos seus olhos brilhava na escuridão como uma espécie de luz de outro mundo. Era como se ele não fosse completamente humano à noite. Ernest então parecia um bicho grande da selva, domesticado pelo convívio com os homens, já velho demais para caçadas e perigos e o sangue escorrendo da boca, um bicho muito sábio que resolvera se aposentar ali na nossa praia, cuidando daquele farol

grandalhão que sempre fora o centro da vida do meu pai e que, sem que eu soubesse ainda, estava destinado a ocupar o mesmo lugar de honra na minha própria existência.

Lá estava eu, ao lado do Ernest, segurando o balde para os peixes. Tenho um nome comum: Ivan. Foi a minha mãe quem o escolheu, parece que era o nome do pai dela. Minha mãe contou-me que teve um pai e uma mãe também, dois irmãos e uma casa com sótão, mas eu nunca vi nada disso e não sei se acredito muito. Quando eu a conheci, ela já vivia aqui, na casa grande de dois andares cujas janelas pintadas de azul deixam vazar a luz do sol de verão e o vento cortante do inverno. E ninguém da família da minha mãe jamais apareceu por estas bandas. Mas eu sou Ivan, o neto do pai que ela alega ter – duas criaturas com o mesmo nome que nunca se viram na vida.

Já é bem tarde e eu deveria estar na cama. Minha mãe não gosta de me ver acordado a uma hora dessas, mas acontece que a janela do meu quarto abre facilmente e tenho certeza de que o pai não se importa que eu pesque alguns peixes com o Ernest. Andamos à beira-mar, não faz mais frio agora, mas venta um pouco. As estrelas nos espiam lá de cima, e o Ernest me conta da Constelação de Órion. Gosto de ouvir Ernest falar, embora eu não entenda algumas coisas que ele diz. Não faz mal, a voz dele é boa, macia.

Sempre ventou por aqui. No inverno e no verão. Ventar é uma mania deste lugar. Tardes e noites com o vento soprando, e as manhãs silenciosas, as gordas nuvens pairando quietas no céu feito vacas num pasto azul. Começa a ventar lá pelas onze horas, eu nem preciso olhar o relógio... No inverno, o vento sopra por três dias, e eu fico triste e cansado, preso em casa por causa das doenças de pulmão. A minha mãe tem muito medo das doenças de pulmão, alguém na família dela morreu disso quando era criança.

Mas durante parte do ano, fazia calor. E então eu fugia do quarto para pescar com o Ernest.

“Doña não ia deixar por nada neste mundo, não é, menino?”, brincava o Ernest sempre que escapávamos para a pescaria. “Ela nunca

ia deixar que o menino dela pegasse uma pneumonia por causa dum preto como eu.”

A Doña era minha mãe. Ela tinha um nome: Alba. Mas todos a chamavam “Doña”. Ela gostava mesmo de possuir as coisas. Quando olhava a casa, grande e bonita, seus olhos brilhavam. Era o mais perto da felicidade que ela conseguia chegar, ficar olhando as coisas inanimadas, bonitas e caras que ela tinha acumulado na vida. E não eram muitas: um par de brincos de pérola, um colar de ouro, alguns vestidos de seda que o pai comprara de um marinheiro, a casa, o farol, os tapetes da Pérsia. Ela não gostava de gente, não gostava mesmo. Gente lhe inspirava desconfiança. Tinha medo que a roubassem, que lhe mentissem, que a enganassem. Afora o pai e eu, claro. Ela gostava de nós, gostava de mim como de uma coisa bonita e cara que tinha o inconveniente de andar, de ter ideias próprias, de desobedecê-la, ao invés de ficar trancada numa gaveta.

Bem, ela era assim. Doña Alba. Mas Ernest a chamava sem o complemento de um nome próprio, acho que por vingança mesmo, uma vingança forjada no desprezo, vingançazinha que um menino como eu ainda não podia entender de todo, apenas intuir, e quando o menino finalmente cresce para entender melhor as coisas, a sua mãe já está morta, Ernest já está morto, e o passado inteiro, enterrado sob sete palmos de areia. Acontece que minha mãe era uma mulher rígida. E entre as suas regras, bem... Ela não era de falar com pretos. Com o Ernest ela não falava nunca. Lavava a sua roupa e cozinhava a sua comida, usando não sei quais artifícios para cumprir essas tarefas, mas falar com ele, isso não.

Não sei por que enveredei a falar da minha mãe. Ela não era importante na minha vida. Eu tinha dez anos e vivia fugindo dela, como fugira há pouco pela janela do quarto para pescar com o Ernest. Pois ele sim era importante pra mim.

Enquanto eu andava à beira d’água ao lado de Ernest, carregando o velho balde de lata e ouvindo-o contar de Aimé Argand e sua lâmpada, e do físico Augustin Fresnel, eu era feliz. Embora fosse preto e pobre

*e indigno das palavras da minha mãe, Ernest não era nem um pouco tolo, era um autodidata que enchera o seu quartinho ao lado do galpão com os livros de toda uma vida. Ah, lembro-me de andar ao lado dele na praia silenciosa e prateada, enfiando os pés na areia fria, o balde balançando ao lado do meu corpo, fazendo aquele barulhinho enjoado, iuuú, iaá, porque a alça estava começando a enferrujar. Eu tinha dez anos, creio que já disse isso. E admirava o Ernest. Foi uma noite feliz, digna da memória detalhada que eu guardo dela. Andando ao lado daquele faroleiro queimado de sol, o menino que eu era jamais poderia imaginar o que o esperava numa curva do tempo. Morrer daquela forma, feito um cão, caindo de cara nas pedras que eu costumava escalar naquele tempo, ferido de morte pela mágoa do Lucas.*

*Eu tinha dez anos então... Ter dez anos é uma espécie de glória. Quem pensa no seu coração aos dez anos? Quem pensa naquela pequena bomba oculta no mediastino médio, impulsionando sangue para o corpo todo? Ah, eu queria o meu balde cheio de peixes, queria as histórias do Ernest, e teria tudo isso antes de voltar para casa, sorrateiro, e me esgueirar pelas paredes, pulando a janela para dentro do meu quarto.*

*Mas, de fato, um coração, qualquer coração, deixa de bater um dia. Eu preciso realmente aceitar essa ideia. Antes de uma xícara de café, depois de uma sessão de cinema, na estação de trem, sempre haverá uma hora, um instante último para um coração. Calhou que o meu tivesse escolhido aquela briga com o Lucas para sair de cena, um grand finale. Ou teria sido apenas uma coincidência? Ernest, pelo que eu me lembro, acreditava em coincidências, no encadeamento completamente aleatório das coisas, na mágica do imprevisto. Por que eu não consigo apenas me conformar com as boas certezas do velho Ernest? Bem, a vida para ele também não terminou com muita glória... Não teve um fim dos mais espetaculares, mas não creio que ele acalentasse alguma ilusão a esse respeito.*

*Mas isso dói tanto... Pular da praia enluarada para aquela tarde, a dor lancinante, as pedras furando meus olhos. Talvez seja melhor ir mais devagar com as coisas. Lucas e o meu coração terão a sua vez. Mas agora não...*



Ainda não.

Afinal, a água era tão boa, e a maré estava para peixe.

A gente pescava bastante por ali. E embora o Ernest me ensinasse tantas coisas, o silêncio era uma terceira companhia. Ouvir o mar cantando, e o ruído da areia quando a água descia para o lugar de onde tinha vindo, aquele barulhinho bom... E depois, quando parecia ser o momento adequado, o Ernest abria a boca e eu via aqueles seus dentes brancos luzindo na noite, e então ele me contava coisas, tantas coisas, reais e inventadas, que eu poderia ainda hoje fazer um compêndio delas.

Mas nem sempre eu podia aprender com o Ernest. Havia um colégio na vila, e obrigavam-me a frequentá-lo todas as manhãs. A professora se chamava Olenka e nunca tinha lido Dostoiévski como o Ernest. Eu não queria aprender o que ela ensinava, não queria mesmo. Eu só sabia pensar em barcos, correntes, rotas, faróis. Eu não queria os cadernos e os lápis, queria a areia e os rochedos, queria o vento, as lições mundanas do Ernest e a liberdade da praia. Ernest era o meu professor de verdade, muito embora minha mãe fosse ficar horrorizada com uma ideia dessas.

Ah, aquela praia... Eu era o seu dono, ela era minha. E mais minha ainda naquelas noites furtivas. O mar escuro, a brisa fria e úmida, Ernest e a sua tarrafa que brilhava ao luar, capturando luzes misteriosas, fazendo desenhos no céu quando pulava das suas mãos escuras e ia se entranhar nas funduras da água.

Ainda me vejo lá, os pés semienterrados na areia molhada, agachado ao lado do Ernest naquela noite de primavera. No alto do morro, para além da areia, dava para ver o vulto da nossa casa, a sombra da varanda vazia, quieta. Uma luzinha amarela, minúscula, podia ser a brasa do cigarro do meu pai. Ele às vezes andava em frente à casa, fumando e espiando o mar antes de dormir. Minha mãe já se recolhera. Ela não gostava do silêncio das noites à beira-mar. Aquela voluptuosidade muda tinha algo de profano para ela, e ia cedo para a cama.

Tínhamos pescado uma meia dúzia de bons peixes, e o Ernest limpava-os com maestria, a faca dançando no ar como um pequeno

farol só nosso. Eu estava agachado ao lado dele, insistindo em alguma coisa. Ele era uma espécie de ídolo para mim, eu já disse isso. Toda aquela liberdade que ele tinha, as histórias que contava. Acho que eu estava insistindo naquela coisa da escola, e devo ter lhe dito: “Mas por que você não pode ser meu professor? Eu não entendo isso... Você sabe tudo de faróis, do mar, sabe pescar e lê muitos livros. Quando eu crescer, vou cuidar desse farol, para que então eu preciso de mais?”

Ernest ameaçou largar a faca na areia para me explicar alguma coisa usando as duas mãos. Tinha umas mãos nodosas, bicolores, o dorso preto e aquelas palmas de um branco amarelado, riscadas de marcas profundas como um pergaminho que tivesse vida própria. Bem, só de olhar aquelas mãos alguma coisa acontecia em mim... Quero dizer, você podia confiar num homem que tivesse mãos como as do Ernest. E, numa delas, como eu disse, faltava um dedo. A carne terminava de repente num emaranhado cor-de-rosa, como se a própria mão tivesse engolido aquele dedo num surto de autofagia.

“Menino, você não pode entender...”, disse ele, fazendo um belo trabalho naquela garoupa – acho que era uma garoupa. “Não importa quanto um preto como eu saiba dos livros e da vida, um menino como você precisa de uma professora branca, e de notas escritas a caneta num boletim escolar.” Ele riu, e seu riso, curto e sábio, se perdeu na noite ventosa. “As coisas são como são, Ivan.”

Aquilo era mágica para mim. Estar com ele ali, e ouvi-lo falar daquele jeito. Era uma lógica simples e compreensível, e eu podia ver, como ele via, a tolice que sustentava as regras do mundo, e quanta injustiça havia por todos os lados. Principalmente na minha casa, eu pensava. Principalmente lá. Ernest tinha as suas próprias ideias socialistas, que ele guardava a sete chaves para que não lhe trouxessem mais problemas. Vivía bem conosco, e tinha o farol para cuidar. Era um homem que precisava de um farol e, de qualquer modo, meu pai era um patrão razoavelmente justo, e ele tinha tempo para ler e dinheiro para ir até Oedivetnom umas duas vezes por ano para comprar seus livros de segunda mão. Isso lhe bastava.

*Mas então o filho do patrão, aquele menino magro e curioso que eu fora, encantara-se por ele, seguindo-o como uma sombra por todos os lados. Ernest afeiçoara-se a mim, levando-me em suas pescarias, e vez por outra me dava um livro de Dickens ou Melville para ler, e depois ficávamos falando da história por meses, e Ernest partia da narrativa para me ensinar as regras da vida real.*

*Ele acabou de limpar os peixes e passou a faca na areia. Enfiou-a então no bolso da calça de sarja, que usava dobrada pelo meio da canela.*

*“Terminamos por aqui”, ele disse.*

*Ventava bastante, mas não fazia frio. Era um vento vivo e limpo, que cheirava a algas e fazia a gente ter ganas de correr e de gritar. Uma bela noite no litoral de La Duiva em outubro, dava para adivinhar o verão chegando na ponta dos pés com a glória dos seus entardeceres e o cheiro das damas-da-noite impregnando os jardins.*

*Eu não queria ir embora. Mas Ernest recolheu o balde, que pesava com os peixes limpos. Recomeçamos a caminhar, agora no sentido da casa.*

*“Mas você podia falar com o meu pai”, insisti.*

*“Olha, menino, eu posso ensinar você a trabalhar com o cabo da âncora e a usar as luzes de navegação, posso falar de constelações, de marés... Eu já faço isso nos nossos passeios, não é mesmo? Mas não posso ser seu professor de verdade. Sou um amigo que divide seus conhecimentos com você. Se o menino fala alguma coisa dessas com a Doña, eles me demitem...” Então ele me mostrou pela centésima vez a sua mão direita, aquela onde faltava um dedo. “E quem vai me dar trabalho numa fábrica? Um homem com nove dedos? Além disso, eu só entendo de faróis.”*

*Fiquei pensando no que ele disse. A subida era íngreme e meus pés escorregavam na areia fria. Dava para sentir o vento aumentando, o vento era muito pontual nessas coisas, aumentava pela madrugada e soprava até o sol ir alto, pelas dez da manhã, quando então ia ventar noutras paragens. Surgiram as primeiras pedras bloqueando a passagem e obrigando-nos a contornar o enorme vulto do farol. Como uma cabra,*

*eu escalava os molhes atrás do Ernest. Íamos em silêncio, porque eu não tinha mais nada a dizer. Não queria que ele fosse embora, preferia aguentar a escola e a minha professora. A noite tinha acabado para mim – eu precisava ir para a cama antes que a minha mãe descobrisse a minha ausência.*

*“Vamos, menino.” A voz do Ernest cortou o silêncio.*

*“Estou indo, Ernest. Não se preocupe, eu já escovei os dentes. Pulo a janela e me enfio na cama.”*

*Ele riu baixinho, e seu riso me encheu de uma coisa boa. Afinal de contas, eu tinha aquelas noites roubadas, e a gente pegava uns peixes grandes, pegava mesmo...*

*Para desgosto da minha mãe, Ernest foi o meu grande professor. Li a maioria dos livros pensando em outra coisa, e acho que ele se decepcionava um pouco com a minha desatenção, mas para as coisas práticas eu era como uma esponja. Aprendi com ele a desmembrar um motor de lancha, a dar um nó oito e um nó frade como ninguém, e sempre que vejo Órion no céu, penso em Ernest, que conhecia todas as constelações, até mesmo as que não eram visíveis no nosso hemisfério, e desenhava-as na areia para mim com um graveto. Acho que ele foi a única pessoa que eu amei de verdade, até que Cecília chegou na nossa casa.*